

A torre de Ismália entre as brechas do tempo: uma ocupação nas ruínas da Igreja Nossa Senhora de Belém

Ismalia's Tower between the cracks of time: An occupation in the ruins of the Nossa Senhora de Belém Church

Sarah Rodrigues Damiani (PPGA-UFES)¹
Stela Maris Sanmartin (PPGA-UFES)²

Resumo: O presente ensaio visual apresenta a fotoperformance intitulada "A torre de Ismália entre as brechas do tempo". A obra aproxima elementos simbólicos do poema Ismália (Guimarães, 1963) ao desmoronamento da Igreja Nossa Senhora de Belém, em Viana-ES. A ocupação das ruínas emerge como um caminho possível para nutrir novos imaginários, convidando o público a perceber as metáforas e analogias instauradas na presente aproximação simbólica.

Palavras-chave: ruínas; Ismália; fotoperformance; pernas de pau; Igreja Nossa Senhora de Belém.

Abstract: This visual essay presents the photo-performance entitled "Ismália's Tower Between the Gaps of Time." The work connects symbolic elements from the poem Ismália (Guimarães, 1963) to the collapse of the Church of Our Lady of Bethlehem in Viana, Espírito Santo. The occupation of the ruins emerges as a possible way to nurture new imaginaries, inviting the public to perceive the metaphors and analogies established in this symbolic approach.

Keywords: ruins; Ismália; photoperformance; stilt walkers; Nossa Senhora de Belém church.

DOI: 10.47456/col.v16i27.52400



O conteúdo desta obra está licenciado sob uma licença [Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

Recebido em: 19 de abril de 2026.

Publicado em: 26 de junho de 2026.

¹ Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo (em andamento). Mestre em Artes (UFES/2025), Especialização no Ensino de Artes (Faculdade de Vitória/2017). Licenciatura em Artes Cênicas (UVV/2017). Licenciatura em Pedagogia (em andamento). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2350831876354777>. ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0606-6349>.

² Pós-doutora em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar (2022) pelo Programa de Pós-graduação em Processos de Desenvolvimento e Educação, PGPDE da Universidade de Brasília. Doutora em Educação pela USP com orientação da Prof Dr Rosa Iavelberg (2013). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3169230790004855>. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7276-0584>.

Primeiros sinais

Existe vida após a morte? Após o bombardeio dos Estados Unidos à cidade de Hiroshima, no dia 6 de agosto de 1945, nasce em meio aos escombros uma forma de vida que se alimenta da radioatividade (Tsing, 2018). Cogumelos brotam em meio ao caos e eles persistem em brotar. “Enquanto decompositores, os fungos possibilitam a emergência da vida a partir da podridão” (Oliveira, 2015, p. 16). No livro “O cogumelo no fim do mundo”, Anna Tsing (2015) defende a existência de uma “terceira natureza”, isto é, “aquilo que consegue viver apesar do capitalismo” (Tsing, 2015, p. 30).

Inspirado pela imagem simbólica lançada pela autora, o presente ensaio convida o leitor a transpor esta inquietação para o campo das artes: quais manifestações artísticas têm conseguido viver apesar do capitalismo? Quais são os artistas que insistem em brotar e “romper cimentos”? Como seria a terceira natureza da arte? Anna Tsing (2018) destaca que “cada cogumelo matsutake conta uma história de paisagens arrasadas” (Tsing, 2018, p. 267). Nesta direção, reconhecendo o cenário artístico, cultural e patrimonial como um espaço de recorrente degradação, descuido e desproteção, insistimos em nos questionar: quais histórias estamos preparados para contar? Se existe vida após a morte, quanto tempo se mantém?

O trabalho poético e artístico conta a história das ruínas da Igreja Nossa Senhora de Belém, localizada em Viana-ES. Tombada em 1993 pelo Conselho Estadual de Cultura, o monumento ocupa um pequeno terreno da antiga fazenda Araçatiba, propriedade do fazendeiro Torquato Martins de Araújo. “A igreja se integra à casa da fazenda, constituindo um tipo muito conhecido de estruturas arquitetônicas rurais. É possível que essa proximidade tenha relação com o incêndio que atinge a igreja nesse mesmo século” (Espírito Santo, 2009, p. 363).

Embora o fogo tenha consumido boa parte da estrutura arquitetônica, os registros públicos do Estado do Espírito Santo apontam que a destruição promovida no edifício da Igreja de Nossa Senhora de Belém se deu pela

busca de um tesouro enterrado. Uma abertura da BR 101-Sul, executada no século XX, foi “[...] a principal responsável pelo arruinamento parcial da igreja quando, um corte de terreno executado nas proximidades da sacristia compromete sua estabilidade” (Espírito Santo, 2009, p. 363).

Entre os destroços e as marcas do tempo, instaura-se nas ruínas da igreja, uma figura feminina trajada à luto. A composição cênica elaborada traz luz à Ismália, personagem da obra de Alphonsus Guimaraes (1963) que enlouquece e se põe a sonhar em uma torre. No meio de tantos desejos entrelaçados, Ismália tem sua alma levada pelo céu e seu corpo tomado pelo mar (Guimaraes, 1963). Ao trazer a personagem de volta à vida, a fotoperformance reivindica o espaço e o tempo como território fluido e vital. Ismália tem sido reencarnada de formas muito diversas (Dalava, 2024). Artistas de diferentes áreas têm se interessado pelo simbolismo instaurado pela personagem, consolidando, de certo modo, uma alegoria. O que Ismália representava em 1910, ano da primeira publicação do poema, que ainda representa hoje? “O poema de Guimaraes não conta com adjetivos que possam caracterizar de maneira imagética e pormenorizada a personagem ou o espaço, nem se movimenta para além do quadro que apresenta” (Dalava, 2024, p. 108). No entanto, a constante adaptação e transposição do poema para outras linguagens artísticas, sugere uma persona onírica, distante e misteriosa (Dalava, 2024). Além desta composição imagética, há um elemento que se mantém na maioria das representações: a queda.

Na versão mais recente de Ismália, Emicida (2019) destaca o desejo pelo céu e a tragédia escancarada no chão: “[...] a queda não é simplesmente uma consequência das suas próprias escolhas e atitudes e, sim, uma consequência relacionada a todo esse contexto de preconceitos” (Dalava, 2024, p. 116). A queda representada pelo compositor pode ser atrelada a um contexto social racista, que negligencia a subjetividade negra e impõe barreiras estruturais ao direito de viver e de sonhar: “Se até pra sonhar tem entrave/ a felicidade do branco é plena/ a felicidade do preto é quase” (Emicida, 2019).

No livro “O ar e os sonhos: ensaio sobre imaginação do movimento”, o filósofo do imaginário Gaston Bachelard (2001) disserta sobre a queda imaginária: “O homem, enquanto homem, não pode viver horizontalmente. Seu repouso, seu sono é quase sempre uma queda. Raros são os que dormem subindo” (Bachelard, 2001, p. 11). Mais adiante, o autor complementa: “[...] nenhum sonhador vive o sonho das asas batendo. Muitas vezes o sonho das asas batendo não passa de um sonho de queda” (Bachelard, 2001, p. 30). Esta ideia parece ganhar força quando no poema de Guimarães (1963) a imagem das asas aproxima-se da imagem da queda: “As asas que Deus lhe deu,/ Ruflaram de par em par.../ Sua alma subiu ao céu,/ Seu corpo desceu ao mar” (Guimarães, 1963, p. 31).

Bachelard (2001) também aproxima os devaneios da queda imaginária com as impressões de vertigem. Ao citar os contos do poeta Edgar Allan Poe, Bachelard (2001) comenta que as oscilações aparecem sempre antes de uma queda profunda. Nesta direção, pensando estabelecer aproximações entre a figura de Ismália e a imagem das ruínas, quais dinamismos de oscilação precedem as quedas instauradas nesta investigação? Quais imagens de instabilidade podem ser identificadas? O que diz o desejo do voo?



Figura 01. Documento de Performance “A torre de Ismália entre as brechas do tempo”. Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2026. A imagem é disposta com as ruínas da Igreja Nossa Senhora de Belém centralizada. Ao fundo, alguns arbustos e árvores. O céu é um azulado claro e possui nuvens. O enquadramento é aberto e prioriza as ruínas vistas de frente.



Figura 02. Documento de Performance “A torre de Ismália entre as brechas do tempo”. Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2026. A imagem é disposta com a performer trajada à luto ocupando o ponto mais alto da torre, a artista direciona um olhar desconfiado para o horizonte. No fundo, um céu azul claro.



Figura 03. Documento de Performance “A torre de Ismália entre as brechas do tempo”. Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2026. A imagem é disposta com a performer trajada à luto ocupando o ponto mais alto da torre, a artista direciona um olhar sonhador para o horizonte. No fundo, um céu azul claro com nuvens brancas.



Figura 04. Documento de Performance “A torre de Ismália entre as brechas do tempo”. Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2026. A imagem é disposta com a performer trajada à luto em cima de suas pernas de pau. A imagem capturada centraliza a artista com os braços abertos, sorrindo, segurando um livro aberto de contos na mão direita. No fundo, as ruínas da Igreja Nossa Senhora de Belém, localizada em Viana-ES.



Figura 05. Documento de Performance “A torre de Ismália entre as brechas do tempo”. Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2026. A imagem é disposta com a performer trajada à luto em cima de suas pernas de pau. A captura fotográfica centraliza a artista se equilibrando nas pernas de pau com os braços estendidos. A artista está dentro da igreja e no fundo da imagem aparece o espaço vago da porta, preenchido com árvores e arbustos. Acima da porta, três janelas preenchidas com um céu cinzento, nublado.



Figura 06. Documento de Performance “A torre de Ismália entre as brechas do tempo”. Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2026. A imagem é disposta com a performer trajada à luto em cima de suas pernas de pau. A captura fotográfica centraliza a artista se equilibrando nas pernas de pau com os braços estendidos. A artista está dentro da igreja, preenchendo o espaço vago da porta. Seu olhar é sério e sombrio.



Figura 07. Documento de Performance “A torre de Ismália entre as brechas do tempo”. Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2026. A imagem é disposta com a performer trajada à luto em cima de suas pernas de pau no ponto mais alto da torre. A captura fotográfica centraliza a artista se equilibrando nas pernas de pau lendo seu livro de contos aberto na mão direita. No fundo da imagem, um céu azul claro e nuvens brancas.



Figura 08. Documento de Performance “A torre de Ismália entre as brechas do tempo”. Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2026. A imagem é disposta com a performer trajada à luto sem suas pernas de pau. A captura fotográfica centraliza a artista estendendo o braço esquerdo nas paredes da torre. Seu olhar se direciona para o horizonte e a luz do sol atinge seu rosto, iluminando uma expressão de súplica, um pedido de socorro.

Referências

BACHELARD, Gaston. **O Ar e os Sonhos**: Ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins fontes, 2001.

DALAVA, Lucas. Ismália e suas representações na pintura, na televisão e na música. **Revista do Centro de Estudos Portugueses**, [s. l.], v. 44, ed. 71, p. 105-123, 2024.

EMICIDA. **Ismália** (feat. Larissa Luz e Fernanda Montenegro). Sony Music: 2019. CD (48min47s).

ESPÍRITO SANTO. Arquitetura. Vitória. Secretaria de Estado da Cultura, Conselho Estadual de Cultura, 2009. Disponível em: [https://secult.es.gov.br/Media/secult/EDITAIS/102-Documento-1436796643-100-Documento-1436454022-56-Documento-1427918086-atlas-patrimonio%20\(1\).pdf](https://secult.es.gov.br/Media/secult/EDITAIS/102-Documento-1436796643-100-Documento-1436454022-56-Documento-1427918086-atlas-patrimonio%20(1).pdf). Acesso em: 15 mar. 2026.

GUIMARÃES, Alphonsus. **Poesias**, 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1963.

OLIVEIRA, Joana. Prefácio: Um encontro com O cogumelo no fim do mundo. In: TSING, Anna. **O cogumelo no fim do mundo**: Sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. São Paulo: N-1 edições, 2015.

TSING, Anna. **O cogumelo no fim do mundo**: Sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. São Paulo: N-1 edições, 2015.

TSING, Anna. Paisagens arruinadas: e a delicada arte de coletar cogumelos. **Cadernos do Lepaarq**, v. XV, n. 30, p. 266-382, 2018.